

1864-1870: uma tempestade na bacia do Prata

Márcio Tadeu Bettega Bergo^a

Resumo: Vivemos o sesquicentenário do maior conflito armado do continente sul-americano. Nesta comemoração dos 150 anos da guerra que opôs Brasil, Argentina e Uruguai ao Paraguai, um marco na história do continente, buscaremos entender as causas da guerra, colher ensinamentos e expor problemas atuais, que, se não receberem devida atenção, podem-se converter em fatores determinantes ou favoráveis ao surgimento de novos confrontos. A abordagem desse complexo tema deve ser multifacetada, pois uma guerra envolve aspectos políticos (suas causas e objetivos), psicossociais (vontade, coragem, ânimo), econômicos (logística), ambientais (terreno, teatro de operações) e tecnológicos (produtos e serviços oferecidos e consumidos na campanha). Todos esses sistemas são interligados em alta sinergia.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança, Período Monárquico.

INTRODUÇÃO

Vivemos o sesquicentenário do maior conflito armado do continente sul-americano. Nesta comemoração dos 150 anos da guerra que opôs Brasil, Argentina e Uruguai ao Paraguai, um marco na história do continente, buscaremos entender as

causas da guerra, colher ensinamentos e expor problemas atuais, que, se não receberem devida atenção, podem-se converter em fatores determinantes ou favoráveis ao surgimento de novos confrontos. A abordagem desse complexo tema deve ser multifacetada, pois uma guerra envolve aspectos políticos

^a General de Brigada. Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



(suas causas e objetivos), psicossociais (vontade, coragem, ânimo), econômicos (logística), ambientais (terreno, teatro de operações) e tecnológicos (produtos e serviços oferecidos e consumidos na campanha). Todos esses sistemas são interligados em alta sinergia.

O CONE SUL DA AMÉRICA E A GUERRA

O Cone Sul da América vivia, à época, as “contradições platinas”, pleno processo de construção dos estados nacionais. Populações havia pouco separadas de potências coloniais, Portugal e Espanha, herdaram destas as rivalidades, e o período constituiu mais uma etapa nas suas consolidações políticas. O conflito foi a ebulição de pressões acumuladas em face das diversas disputas internas e entre os próprios países ou, talvez melhor dizendo, “embriões de países”.

A região platina sofria influências de fatores vigentes no mundo na década de 1860, como conflitos em diversas partes, nos quais a

guerra era o método principal de resolução. Em adição, propagavam-se ideias liberais, a era industrial demandava recursos naturais, cresciam ideologias sociais, como anarquismo e marxismo. O colonialismo ainda era pleno em várias partes, os armamentos recebiam inovações tecnológicas, vicejavam alianças e pactos secretos. O Império do Brasil vivia o Segundo Reinado, consolidando sua unificação territorial e política.

A população era majoritariamente rural, usufruindo quase nenhuma infraestrutura. Como regime de trabalho e “motor” da economia, a escravidão. País agrícola, monocultor, tinha a cana de açúcar como principal produto, porém com sinais da ascensão da lavoura cafeeira. Com incipiente crescimento econômico, assistia a um princípio de construção de estradas de ferro e estabelecimento de empresas industriais, bancos e companhias de navegação.

A Argentina era uma república em unificação, recém-saída de um conflito entre Buenos Aires e *La*



Confederación. Dirigida na realidade por elites oligárquicas, sua política se dividia entre liberais (*unitarios*) e autonomistas (*federales*). O novo governo tencionava consolidar o estado centralizado, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionado pelos *blancos* uruguaio e pelo Paraguai. A economia girava em torno da criação de ovelhas (lã) e de gado. O Uruguai se encontrava em guerra civil entre *blancos*, proprietários rurais, que eram contra o Brasil, e *colorados*, comerciantes liberais, a favor do Império.

Após a unificação da Argentina em torno de Buenos Aires (que também dava suporte aos *colorados*), o governo paraguaio proclamou apoio aos *blancos*: qualquer intervenção, brasileira ou argentina, resultaria em guerra.

O Paraguai era um país isolado, agrícola e atrasado, que vivia sob um regime autoritário. A burguesia mercantil desejava uma república única, semelhante ao antigo Vice-Reinado do Prata. A navegação no rio Paraná somente foi liberada pela Confederação Argentina em 1852.

Quando Francisco Solano López assumiu o governo, pensou em tornar seu país uma potência regional, com acesso ao mar por Montevidéu. Argumentando a defesa da independência uruguaia, firmou aliança com os *blancos* uruguaio e os *federales* argentinos.

A intervenção brasileira em apoio aos *colorados*, que tomaram o governo uruguaio em 1865, lhe deu o pretexto que buscava para se lançar a uma luta para a qual já se preparava havia algum tempo. A guerra, então, eclodiu. Não era esperada nem desejada pelo nosso país; a vitória brasileira era pensada como rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países. Ela também eliminaria ameaças à livre navegação e permitiria depor Solano López.

O nosso Exército era pequeno, mal equipado e mal adestrado. O governo central nele pouco investia, dedicando-lhe poucos recursos, deixando mesmo de arcar com o fornecimento básico para seu funcionamento.

O recrutamento era forçado, sendo que as praças provinham das



classes mais baixas, constituindo-se em verdadeira escória social.

Em um processo de divisão do poder, a Guarda Nacional gozava de maior prestígio. Com recrutamento censitário (seus membros e clientes pertenciam às elites), era presença regional sob a autoridade das oligarquias locais. Era autofinanciada e recebia melhores recursos. No esforço da guerra, foram criados os corpos de Voluntários da Pátria e verificados recrutamentos de escravos.

Em paralelo, a Armada Nacional (como era denominada a Marinha de Guerra, na época), era poderosa e mais moderna. Disponha de 42 navios e de 4.000 homens bem treinados. Estava, em sua maioria, estacionada no rio da Prata, em consequência dos conflitos anteriores na região.

A CAMPANHA

O conflito aconteceu em regiões remotas, longe dos grandes centros, em completa ausência de infraestrut-

tura e comunicações bastante precárias. O ambiente era extremamente inóspito, principalmente para os brasileiros provenientes de regiões de clima mais quente. O apoio logístico era bastante difícil, demandando transporte, alimentação, alojamento, água (para consumo humano e animal, além de serviços como cozinha, limpeza etc.), fardamento, equipamentos, armamento, munição, saúde, coleta de mortos e sepultamento, entre muitas outras necessidades.

Uma peculiaridade da época era que as tropas marchavam acompanhadas por significativo contingente civil, como famílias (esposas e crianças), mulheres (que realizavam trabalhos variados e prestavam assistência), profissionais de saúde, comerciantes diversos etc. Os animais eram outra preocupação de vulto, exigindo cuidados, pastos, água, forragem (milho, alfafa) e medicamentos. Estes compreendiam cavalos (“ferramentas” de combate), muares (carga e tração de veículos e canhões) e bovinos (conduzidos vivos, para serem abatidos e usados na alimentação).



As grandes “armas” foram a resignação, a sobriedade e o patriotismo. Era o ardor do brasileiro a lutar pela sua pátria! A rotina das operações impôs acampamentos de longa duração. Havia exploração dos recursos locais, pelas próprias forças, mais ou menos como nas guerras da antiguidade. Vegetais eram colhidos no local, inclusive com elevado consumo de frutos não amadurecidos. A água era proveniente dos rios e córregos, de fontes e de poços. Havia filtros improvisados, com lonas, ou utilizava-se o processo de decantação. Tudo isso acarretava um elevado número de doenças gastrointestinais.

O combustível principal era a lenha, captada nas matas. Quando possível, fazia-se o preparo de carvão vegetal, para substituir o mine-

ral, que era importado. As necessidades fisiológicas eram satisfeitas no mato. Tudo acontecia sem grandes preocupações ambientais. Considerável parcela dos artigos era entregue por fornecedores contrata-

dos, principalmente argentinos. Estes apresentavam um fluxo irregular, resultante das disponibilidades e da sua boa (ou má!) vontade. Os preços eram muito variáveis, decorrentes de fatores como distância, época do ano, local de entrega etc. Eram feitos

afretamento de barcos e carretas (“comitivas”) e organização de tropas de cargueiros, com contratação de peões e condutores.

No afã logístico, a atuação da Marinha foi crucial: todo o transporte da Corte até o Prata era marítimo. Na região, os rios (Paraguai e Paraná) eram os eixos de suprimento, as embarcações se conver-



Soldados brasileiros na Guerra da Tríplice Aliança



tiam em transporte, depósitos e “bases”, os ancoradouros se configuravam em terminais de transferências para carretas.

CONSEQUÊNCIAS

Um dos principais resultados dos conflitos armados – fora as perdas de vidas e os sofrimentos a que são submetidos tanto os combatentes como as populações atingidas – é o elevado custo em materiais/serviços e em perdas por destruições patrimoniais. A campanha da Tríplice Aliança custou caro, e quem “pagou a conta” foi o Império Brasileiro ou, em última instância, seu povo. Estima-se um gasto total de aproximadamente onze vezes o orçamento anual do Império, ou o dobro das receitas a cada ano. O resultado foi um brutal endividamento, coberto por meio de aumento nos impostos e de empréstimos.

Outras consequências fazem desse episódio um enorme campo de estudos e de coleta de ensinamentos. Ocorreu fortalecimento e maior prestígio do Exército e da

Marinha, desencadeou-se o processo do fim da Guarda Nacional e se consolidaram a unificação e o sentimento de nacionalidade no âmbito da população brasileira. No campo político, desgaste do regime monárquico, com incremento do abolicionismo, e se verificou aumento na recepção de imigrantes. Confirmou-se a necessidade de integração do extremo Oeste, então isolado. O Paraguai perdeu territórios para a Argentina e o Brasil. Paraguai e Uruguai foram consolidados como estados-tampões entre o Brasil e Argentina, que rivalizam no Prata. Na Argentina, consolidou-se o estado centralizado. E nesse país se verificaram os maiores ganhos financeiros, pelos comerciantes que atuaram na guerra. Chegou-se a pilheriar, com a alcunha “rio do Ouro” sendo aplicada ao rio da Prata.

ENSINAMENTOS

Decorrem 150 anos daqueles tempos tempestuosos... e agora?



Os desafios são portentosos: precisamos reduzir as desigualdades (em oportunidades, educação, emprego, renda), recuperar e modernizar a infraestrutura do país, buscar inovação e desenvolvimento científico-tecnológico, além de combater a corrupção e a impunidade. Há que se resgatar o orgulho nacional!

É imprescindível, também, cooperar para a paz e o entendimento entre as nações, não se esquecendo, contudo, de fortalecer o poder militar, impossível sem adequada base industrial de defesa. Se naquela época as causas das guerras eram disputas territoriais e desentendimentos políticos, o mundo atual não mudou muito, e o que não falta são fontes de conflitos. Os maiores obstáculos à paz se apresentam embutidos em nacionalismos atávicos, políticas extremistas, movimentos populistas e ações de organizações criminosas, além do terrorismo, dos conflitos urbanos de baixa intensidade e fluxos migratórios, frutos de miséria e pobreza.

As nações sofrem com tensões sociais, étnicas e religiosas, temos

mudanças climáticas, com previsível falta de água e alimentos, disputas por matérias-primas, crises de energia. Os recursos naturais são finitos e distribuídos desigualmente, sendo consumidos em escala superior à capacidade de o planeta se recuperar. O domínio de tecnologias de ponta é uma competição ferrenha, e os instrumentos de conexão, em especial a internet, fazem com que os ânimos se alternem e alterem em ondas rápidas e não sincronizadas.

Completando o quadro, cada vez mais ocorrem ações bélicas estratégicas informatizadas. No mundo atual, os perigos têm propagação veloz, enorme amplitude geográfica e atuação em conjunto. Quanto ao nosso espaço, o sul-americano, este segue cheio de incertezas. Há debilidades no processo de integração, a presente crise financeira traz, entre as principais consequências, elevado senso de autopreservação.

A visão nacional prevalece em detrimento da visão regional, notando-se certa postura ideológica nos organismos regionais. Ainda



subsistem, mesmo que poucos, ranços do passado e ideias revanchistas. Sofremos com debates ideológicos ultrapassados, má distribuição de renda e, finalmente, ameaças de catástrofes naturais.

O Brasil prossegue com sua estratégia de cooperação, esperando-se, dos irmãos sul-americanos, posturas semelhantes e compatíveis, em um processo de salutar convivência, em busca de uma zona de paz sul-americana.

Vizinhos devem ser espaços de confraternização e de trocas comerciais benéficas a todos. Queremos pontes e vias que nos liguem e não muros ou cercas que nos mantenham apartados! Contudo, para se conquistar e manter a paz é necessário preparo para a guerra. Além de estudá-la profundamente, há que se investir permanentemente em aperfeiçoamento de pessoas e no desenvolvimento de meios materiais. Forças de Defesa (aí se incluindo as Forças Armadas, as polícias e demais entidades de segurança) são garantia de paz e segurança, são instrumentos de dissuasão e de prevenção. Elas não se improvisam,

devem ser mantidas aprestadas e motivadas. Corolário ancestral dita que “Um exército pode passar um século sem ser empregado; mas não pode ficar um dia sem estar preparado”.

Como diziam os antigos romanos, *si vis pacem, para bellum* “se queres a paz, prepara-te para a guerra”.

BIBLIOGRAFIA

BERGO, Marcio T. Bettega. *Explicando a guerra. Polemologia: o estudo dos conflitos, das crises e das guerras*. Rio de Janeiro: DECEX/CEPHiMEX, 2013.

_____. A Guerra da Tríplice Aliança - 1864/1870: contextualização, antecedentes, operações, consequências e ensinamentos. *Anais do VII Encontro Internacional de História Sobre as Operações Bélicas na Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 2015, p. 131-149.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.